



## 1|2: A Origem da Capulana em kaPolana



Modelo Vlisco holandês 'Java print'

«“A picture of a pipe isn't necessarily a pipe, an image of “African fabric” isn't necessarily authentically [and wholly] African”.»

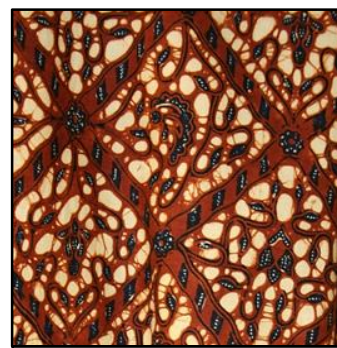
«These above words are quoted by Yinka Shonibare, a Nigerian-British contemporary artist known for his amazing artwork using African print fabrics in his scrutiny of colonialism and post-colonialism. What is commonly known as “African fabric” goes by a multitude of names: Dutch wax print, Real English Wax, Veritable Java Print, Guaranteed Dutch Java, Veritable Dutch Hollandais. I grew up calling them ankara and although they've always been a huge symbol of my Nigerian and African identity, I had no idea of the complex and culturally diverse history behind the very familiar fabrics until I discovered Yinka Shonibare and his art. »

**Em baixo:** Fotos de inícios do século XX. À esquerda; mulheres produzindo Batique numa fábrica de Companhia Holandesa das Índias Orientais - foto de 1912 do Dr. E. Erathaus. Ao centro, estudantes indonésios no período colonial holandês. À direita, casal aristocrata indonésio: - a dama com saia de batique, sinónimo de realeza. Créditos fotos: **Tropenmuseum** (Holanda).



À esquerda, ao fundo, estampado Java Print original, em popeline, de capulana **Mikume** da bisavó materna do autor desta crónica. A capulana tem cerca de cem anos.

Na foto, com três colaboradoras no vernissage de uma sua exposição de Pintura em 1992, na S.P.A, em Lisboa.



Java print original da Indonésia

O estudo da Cultura Visual remete-nos cada vez mais para a descoberta de uma globalização que remonta a séculos atrás. O ser humano tem essa capacidade de apropriação de valores de outros, adaptando-os e inserindo-os em seus próprios usos e costumes, esquecendo-se de onde se iniciou esse processo.

Nesse aspecto, ao longo da História, os europeus, sem dúvida, foram os maiores apropriadores da cultura dos outros. Todavia, temos ainda o exemplo da CAPULANA, apropriada por todos.

Os holandeses do século XVII, depois de expulsarem os portugueses da Indonésia, foram-se apropriando da arte tradicional em pano (batik) dos javaneses e mercê do espírito mercantilista espalharam o produto pela Europa e pela África oriental, e ocidental, a partir de 1846.

Os comerciantes indianos encarregar-se-iam de 'globalizar' o produto, nessa época, em que a mão-de-obra javanesa coadunava-se com a prática de exploração colonial. Ora, nesse contexto reproduzimos em inglês (na caixa) excerto de um texto paradigmático retirado de

*beyondvictoriana.com*, com a devida vénia. Eis em tradução livre uma parte: - «“A imagem de um cachimbo não é necessariamente um cachimbo, uma imagem de “pano Africano” não tem de ser necessária e autenticamente [e totalmente] Africano”.»

«Estas palavras são citadas de Yinka Shonibare, um artista Britânico-Nigeriano contemporâneo, conhecido pelo seu fantástico trabalho artístico, utilizando impressões de panos Africanos na sua construção e desconstrução do colonialismo, e do pós-colonialismo.

O que comumente é conhecido como “tecido Africano” tem uma multiplicidade de nomes: impressão Holandesa em cera, Cera Real Inglesa; Verdadeira Java Print, Garantido Java Holandesa, Verdadeiro Holandês Hollandais.

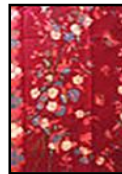
Eu cresci chamando-lhes de ankara e foram também e sempre um símbolo enorme da identidade Nigeriana e Africana, e nunca fiz a menor ideia da complexidade cultural e da diversidade histórica por detrás dos panos familiares, até descobrir Yinka Shonibare e a sua arte.”



Na região centro de Moçambique, nos séculos XIX e XX, em Manica e Sofala, não havia o conceito de CAPULANA ou pano tipo Java print, por razões que se prendem com a cultura de peles do Império de Gaza (Gatxa) do século XIX (1818 – 1895). Por outro lado, com o avanço do catolicismo e do protestantismo foram incutidos os usos e costumes europeus puritanos, de cores mais sóbrias, no vestuário feminino.



**Origem Do nome  
Ca-Pulana:  
Etimologia em kaPulana  
(terras do Polana)**



O termo ou vocábulo **baNto** moçambicano, **kaPu-lana**, remonta a meados do século XIX, originado na então vila colonial portuguesa, da Ponta Vermelha. Na origem do nome **capulana**, estariam as feiras periódicas que se realizavam nos terrenos do chefe tradicional Pulana Mpfumo, no século XIX, irmão do grande rei ronga Mashakene Mpfumo. Seu território abrangeria hoje, na actual cidade de Maputo, da Ponta Vermelha ao longo da avenida Julius Nyerere (ex - avenida António Enes), bairro da Sommerschild até ao campo de Golf, barreiras da marginal, Praia da Polana à Costa do Sol, limitando com as Mahotas.

O local onde se situa o Hotel Polana teria sido a sede do chefe ou príncipe Pulana. Seria, mais tarde, expulso de suas terras para fora da vila europeia que crescia, segundo uma lei portuguesa da época: Lei de 4 Dezembro de 1861 e decreto de 10 de Outubro de 1865. (Na próxima crónica, a História da Polana).

A feira tradicional seria muito concorrida. Comerciantes indianos vinham vender seus tecidos orientais e bugigangas, muito apreciados pelas populações ronga da região, em particular, a população feminina. Daí ao se deslocarem para compras na feira dizerem, em idioma local ronga: **‘ni a ka-Pulana’** – vou às terras do Pulana. **KA** é prefixo **baNto** para onde se vai.

Em kaMpfumo (Lourenço Marques e Ponta Vermelha coloniais), as ‘capulanas,’ eram tecidos da Indonésia, da ilha de Java, de padrão tradicional denominado de **BATIK**, em idioma local indonésio.

Em meados do século XIX, esses tecidos começariam a afluir às terras do chefe Pulana (Polana).

Do grupo de holandeses da indústria têxtil na colónia da Indonésia, ilha de Java, destaca-se Pieter Fentener van Vlissingen na exportação de tecidos batik, a partir de 1846. Eventualmente, também, beneficiando da introdução, em 1830, do ‘Kultuurstelsel’ (sistema colonial de cultura agrícola, compulsiva para os nativos indonésios).

Actualmente, o comércio têxtil chinês tem vindo a substituir o mercado internacional. As técnicas de cera na impressão tipo batik (*batik*) são artes muito antigas, praticadas anteriormente no Reino Kemhet dos Anu-Seti (antigo Egipto), séculos antes de Cristo. Há indícios dessas técnicas no Oriente do século VII: Arábia, Índia, China, Japão. E em África entre os Ioruba da Nigéria e Soninké e Wolof do Senegal, e Marrocos, provavelmente da mesma época.

No entanto, o padrão Java print é único e já não é reproduzido como o original. Infere-se, que o padrão de *Java print* ainda que tendo por base a cultura javanesa (indonésia), contenha influências: indiana; persa; chinesa; japonesa; árabe e holandesa. Em 2009, a UNESCO declarou o **Batik** Indonésio de ‘Património Cultural Intangível da Humanidade.’

**‘Capulana’ de vários nomes** – na costa oriental Africana, até ao norte de Moçambique, o pano assume o nome de Kitengue; Kitete; Mikume. Na costa ocidental de África: - Ankara (alguma relação com comerciantes turcos ou coincidência?). No Senegal chama-se Legose por vir de Lagos (Nigéria). Com o culto da personalidade, no pós-colonial, novo paradigma seria introduzido na estampagem, com imagens dos líderes africanos. No passado, o pano Java print “mikume ni vemba” acetinado e mais largo, era a grande capulana por excelência, símbolo de realeza entre as damas ronga.

Na década de 1970, antes da independência, o *designer* moçambicano Max, da TEXLOM, fábrica têxtil portuguesa da Machava, Moçambique, esboçaria alguns padrões de um estilo Java print, mais moçambicano. Por outro lado, o primeiro presidente de Moçambique, Samora Machel, na sua caminhada do *Rovuma ao Maputo*, em Maio de 1975, institucionalizaria o termo CAPULANA, generalizando o conceito de panos para a mulher moçambicana, numa pretensão de símbolo de identidade africana, baNto, no feminino. (**Continua**)



**O Autarca**  
Primeiro jornal electrónico editado na cidade da Beira

Propriedade: AGENCIL – Agência de Comunicação e Imagem Limitada  
Sede: Rua do Aeroporto – Desvio 2141 – Casa 711 – Beira  
E-mail: oautarca@teledata.mz; oautarcabeira@yahoo.com.br  
Editor: Chabane Falume – Cell: 82 5984510; 84 2647589 – E-mail: chabanefalume08@gmail.com

O Autarca: Preencha este cupão de inscrição e devolva-o através do fax 23301714, E-mail: oautarcabeira@yahoo.com.br ou em mão  
SIM, desejo assinar O Autarca por E-mail ( ), ou entrega por estafeta no endereço desejado ( )

Entidade.....  
Morada..... Tel..... Fax..... E-mail.....  
Individual ( ) Institucional ( ) ...../ ...../ 2013  
Assinaturas mensais MZM – Ordinária: 7.200,00 \* Institucional: 14.700,00